

SOBRE A TRADUÇÃO E O ENSINO: O HUMOR LEVADO A SÉRIO

*John Robert Schmitz**

RESUMO: Este artigo** é uma réplica ao artigo do Professor Aduari Brezolin (*TradTerm* 4.1, 1997) que comenta o meu trabalho (*TradTerm* 3, 1996) sobre a problemática da tradução de humor em forma de piadas e chistes. Brezolin e eu concordamos que é possível traduzir piadas e chistes que surgem do contexto ou da situação, isto é, que refletem o funcionamento do mundo. Todavia, divergimos com respeito à possibilidade de traduzir humor que se origina de ambigüidade semântica, sintática ou fonológica. Segundo Brezolin, todos os textos humorísticos são traduzíveis. A minha finalidade neste trabalho é reiterar que as piadas e chistes baseados num jogo de palavras específico a uma determinada língua-fonte são intraduzíveis e o tradutor fatalmente terá de (re)criar ou retirar de seu repertório "outra" piada numa determinada língua-alvo. Esta postura tradutória se deve aos fatos lingüísticos de cada idioma, isto é, aos componentes estruturais intrinsecamente peculiares à língua *x* em confronto com língua *y*, e não motivada por uma ideologia que considera os eventuais significados do texto original como intocáveis, que a todo custo devem ser protegidos.

UNITERMOS: traduzibilidade; discurso humorístico; ambigüidade; pivô; piada.

* Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

** Agradeço a leitura e os comentários a respeito deste artigo por parte de Sandra Gonçalves, Maria Lucia de Oliveira, Elsa Doi, Sírio Possentí, Douglas Consolo, Alexandre Soares Carneiro e os pareceristas anônimos. Assumo a responsabilidade pelas falhas.

ABSTRACT: This article is a reply to Professor Aдаuri Brezolin's paper (TradTerm 4.1, 1997) in which he makes some observations about my paper (TradTerm 3, 1996) dealing with the difficulty of translating humorous discourse in the form of jokes and puns. Brezolin and I agree that it is possible to translate jokes that are based on contexts that reflect the workings of the world. However, we disagree with respect to the possibility of translating humor that is caused by semantic, syntactic or phonological ambiguity. My purpose in this paper is to argue more emphatically that jokes and puns based on the play of words specific to a particular source language are untranslatable and the translator has no choice but to (re)create or retrieve from her stock of humorous discourse, "another" joke in a particular target language.

This translation stance is due to the linguistic facts that are part and parcel of each language, that is, to the structural components peculiar to language x in contrast with language y, and is not motivated by an ideology that considers the possible meanings of the original text as untouchable which must be protected at all cost.

KEYWORDS: translatability; humorous discourse; ambiguity; pivô; joke.

Foi uma grande satisfação tomar conhecimento da publicação do artigo do Professor Aдаuri Brezolin (*TradTerm* 4.1, 1977) que comenta o meu trabalho (*TradTerm* 3, 1996) sobre a problemática da tradução de humor e também do ensino da mesma em cursos de tradução em nível superior. É sempre recompensador, por um lado, contribuir para a publicação de outro trabalho sobre a questão de humor e, por outro lado, receber comentários pertinentes, por parte de um colega, sobre a minha reflexão.

Congratulo-me com o professor Aдаuri Brezolin pelo fato de levar o humor a sério. Encaminho também nestas linhas os meus parabéns a ele e aos seus alunos pelo trabalho de apresentar

soluções felizes, e até geniais, para a tradução de uma piada considerada por Laurian (1992, p. 114) como um verdadeiro desafio para o qual eu mesmo não encontrei uma solução:

Famed Chinese diplomat attended gala reception in Washington in early part of the day. Senate lady, trying to make polite conversation, asked: Dr, Wong, what "nese" are you? Chinese, Japanese or Javanese? "Chinese", he replied, and you Madam? What "kee" are you? Monkey, donkey or Yankee?

Brezolin (1977, p. 27) apresenta três possibilidades de tradução:

E a senhora, que tipo de eira é? Estrangeira, maloqueira ou brasileira?

E a senhora, que tipo de aca é a madame? Macaca, bruaca ou polaca?

E a senhora, que tipo de eira é? Toupeira ou brasileira?

O sucesso do Professor Brezolin com os seus alunos na sala de aula de tradução confirma que é plenamente possível ensinar a traduzir o humor e como disse no resumo do trabalho "... o estudo do humor em cursos de tradução para alunos de graduação apresenta uma excelente oportunidade para aprofundar não somente a sensibilidade lingüística mas também a conscientização intercultural dos aprendizes". (Schmitz, 1996, p. 88)

Quanto à pergunta se é possível traduzir o humor, afirmo "em termos" porque argumentei, no decorrer do trabalho, que existem dois tipos de piada. Quando o humor surge do contexto ou da situação, normalmente não há grandes problemas para a tradução. Todavia, quando o humor se origina da ambigüidade semântica, sintática e fonológica, "... surge a possibilidade (ênfase minha) de ocorrerem problemas e dificuldades de tradução" (p. 93).

Lendvai (1996, p. 90) apresenta um grande número de piadas em inglês as quais ele considera intraduzíveis para o húngaro e classifica as diferentes piadas nas seguintes categorias lingüísticas: (1) Piadas léxico-semânticas: (a) antonímia, (b) homonímia, (c) polissemia, (d) paronímia, (e) extralexical. (f) ino-

vação léxico-semântica; (2) Piadas sintáticas e contextuais: (a) polissemia sintática, (b) implicação/ pressuposição, (c) zeugma; (3) Piadas específicas à cultura.

Resta verificar se todas as piadas apresentadas pelo autor realmente são possíveis de tradução para outras línguas. Esta tarefa poderia ser assunto de ainda outro trabalho. Concordo, todavia, com Lendvai (p. 91) com respeito às piadas relacionadas, especificamente à referida taxonomia lingüística: "Homônímias (1b) que são, de fato, bastante difíceis de traduzir ou até 'intraduzíveis'". A piada que segue, retirada do trabalho deste autor, é um bom exemplo:

Wife: "Do you love me still?"

Hubby: "I might if you'd stay still long enough?"

Segundo Lendvai, os vocábulos *still* (advérbio "ainda") e *still* (adjetivo "quieto") apresentam respectivamente dois "scripts" ou esquemas diferentes e o humor é ocasionado pelo distanciamento semântico entre os dois. O tradutor pode procurar palavras homônimas em português, em norueguês ou em qualquer outro idioma, mas os vocábulos seriam outros, o contexto seria diferente e o resultado seria "outra" piada.¹

Zabalbeascoa (1996, p. 251-4) classifica em seis diferentes tipos: (i) "the international joke", (ii) "the national-culture-and institution jokes", (iii) "the national-sense- of humour joke", (iv) "language dependent jokes", (v) "visual jokes" e (vi) "the complex joke". Este autor (1996, p. 244) afirma que as piadas na língua fonte precisam ser traduzidas de forma que sejam engraçadas na língua alvo e, em certos casos, este estado de coisas significa que "... **entirely different jokes may have to be substituted for the original ones.**" (ênfase minha)

¹ Agradeço ao colega, Professor Dr. Sirio Possenti, que numa discussão comigo sobre a problemática de humor observou que uma eventual tradução de uma piada do segundo tipo que envolve ambigüidade léxica, sintática ou fonológica numa determinada língua fonte seria, na maior parte dos casos, "outra" piada numa determinada língua-alvo.

Brezolin (1997) e eu concordamos quando se trata do primeiro tipo de piada que “*depende do contexto ou da situação*”, mas discordamos no caso do segundo tipo que “*envolve ambigüidade semântica, fonológica e sintática*”. O Professor Brezolin e seus alunos apresentam várias traduções para o inglês de piadas do primeiro tipo (Piadas 1-6, Brezolin, 1997, p. 24-8). Um exemplo é a tradução da Piada 1 (p. 24):

How many Poles does it take to wash a car? Two. One to hold the sponge and one to move the car back and forth. (Attardo, Raskin, e Ruch, 1993, p. 135)

Quantos portugueses são necessários para lavar um carro? Dois. Um para segurar a esponja e outro para movimentar o carro pra frente e pra trás. (Brezolin, 1997, p. 24)

Todavia, Brezolin não fornece uma tradução para a piada do segundo tipo que tem como exemplo:

What is the difference between stabbing a man and killing a hog? One is assaulting with intent to kill and the other is killing with intent to salt? (Schmitz, 1996, p. 93)

A dificuldade de tradução dessa piada para o português ou para qualquer idioma se deve ao jogo em língua inglesa entre as palavras *assaulting* “atacar fisicamente” e *salt* “salgar” e a semelhança fonológica parcial entre as mesmas. Não diria que ela é “intraduzível”, mas, sem dúvida, bastante difícil de traduzir. Por esta razão, julguei mais prudente responder à pergunta se é possível traduzir o humor “*em termos*” em vez de um “sim”, para não correr risco de ser categórico.

A despeito da dificuldade de traduzir do polonês para o inglês piadas que acusam ambigüidade léxica e sintática, Lew (1996, p. 130) observa que não se pode pressupor que as diferentes línguas do mundo exibam estruturas semelhantes de sinonímia e polissemia. Este mesmo autor também afirma que as piadas, baseadas numa semelhança fonológica entre dois vocábulos numa determinada língua, não são *geralmente* (ênfase minha) traduzíveis de uma língua para outra. (Lew, 1996, p. 130). Se-

gundo este autor, todas as línguas têm exemplos de ambigüidade fonológica, "... *yet the jokes cannot be translated from one language to the other.*" (p. 131)

Um exemplo dessa dificuldade é a piada apresentada por Gil (1995, p. 119) que aproveita a semelhança fonológica entre os vocábulos *sifilitico* e *filatélico*:

A mulher conversava com as amigas na sala e falava sobre o marido.

– Ele é muito bom, me trata muito bem, não deixa faltar nada em casa. A única coisa que me desagrada nele é que ele é sifilitico.

As amigas ficaram assustadíssimas, mas nesse exato momento o marido bota a cara para fora do quarto e berra lá pra sala:

– Filatélico, mulher. Filatélico.

Em inglês não existe a "mesma" semelhança fonética entre os vocábulos *syphilitic* e *philatelist* para traduzir, ou melhor, produzir um efeito humorístico. Outro fato complicador é que o vocábulo *philatelist* é um termo especializado e a forma "normal" seria *stamp collector*. Estas dificuldades contribuem para um resultado "sem graça" em inglês e para não perder seu tempo precioso, seria aconselhável que o tradutor retirasse de seu repertório uma outra piada em inglês que talvez envolvesse uma semelhança fonológica diferente.

Newfield e Lafford (1991, p. 85) observam que os "puns", ou piadas que envolvem um jogo de palavras, precisam, para serem bem sucedidas, isto é, causar um efeito humorístico entre o falante e o ouvinte, ter um contexto sociocultural compartilhado. Além disso, precisa haver, entre os usuários de uma determinada língua, uma compreensão mútua e detalhada do código lingüístico para que uma piada específica possa ser considerada "a humor act" ou "um ato de humor" (Raskin, 1985, apud Newfield e Lafford, 1991, p. 85). Segundo estes autores, para apreciar o efeito humorístico da piada:

Debate: what lures de fish.

o ouvinte precisa saber que o *d* substitui *th* em certos sociodialetos de inglês e que a outra parte do pivô *the bait = d bait*, “a isca” é sugerida pela pronúncia do vocábulo *debate*, “debate”. A “graça” da piada está no fato de que a pronúncia padrão do vocábulo *debate* é fonologicamente idêntica ou semelhante à pronúncia não-padrão de *the bait*. A respeito deste tipo de piada, os referidos autores comentam:

This need for a common body of knowledge explains why foreigners often have trouble with puns and why they are so hard to translate.

O tradutor pode (e deve) tentar recriar a piada acima apresentada em outro idioma. Mas o resultado, como disse acima, seria outra piada, diferente, isto é, não a “mesma” palavra. Brezolin parece dizer isto quando se refere ao trabalho dos intérpretes de conferências que escolhem de seu próprio repertório “*uma piada institucionalizada*”. Nas palavras de Brezolin (1997, p. 18):

Nesse caso, a inserção de qualquer piada teria o simples objetivo de preencher uma necessidade pragmática, que ultrapassaria os limites dos significantes.

Cabe lembrar que quando uma determinada piada é contada e recontada por diversas pessoas, ela sofre pequenas alterações mas, na maior parte dos casos, continua sendo a “mesma” piada. Mesmo que haja alterações, cumpre lembrar também que os adeptos em contar piadas (que têm um grande repertório das mesmas) respondem à pergunta:

“Você conhece aquela piada sobre os três astronautas: um russo, um americano e um português?”

“Não precisa contar. Já ouvi essa.”

Acredito que este estado de coisas se deve ao fato de que os indivíduos que contam piadas, especialmente os compulsivos, co-

nhecem muito bem os diferentes “scripts” ou situações humorísticas.

Brezolin (1997, p. 17) questiona também a minha resposta “em termos” à pergunta se é possível traduzir o humor ao afirmar que a tradução de qualquer texto seja humorístico ou não humorístico:

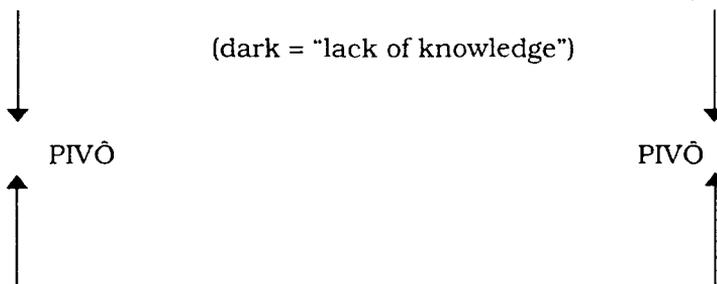
“... não se baseia em teorias de tradução que tentam, a todo custo, recuperar o significado do original.”

Não foi o meu propósito afirmar que o texto original é sagrado e que, a todo custo, deve ser protegido. Não subscrevo uma visão essencialista do ato tradutório. Concordo com a visão de Gentzler (1993, p. 162) que considera a tradução nestes termos:

Instead of translations fixing the same meaning, translations can also allow further room for play, extend boundaries, and open up new avenues for further difference.

Newfield e Lafford (1991, p. 80) analisam a seguinte piada em termos de dois diferentes pivôs:

The Dark Ages were so named because the period was full of knights.



The Dark Ages were so named because the period was full of nights

(dark = “lack of light”)

Não se trata de uma postura de fidelidade ou de reverência aos significados atribuídos à piada da língua fonte. O problema é

outro. A questão é lingüística. Cabe entender a própria natureza do discurso humorístico e perceber o mecanismo, isto é, o pivô (ou “gatilho”) que contribui para o humor ou a “graça” da piada. Os referidos pivôs dessa piada, *Dark Ages* “Idade Média” e *knights*, “cavaleiros” jogam com a ambigüidade do adjetivo *dark* que pode ser interpretado como “a falta de sabedoria” ou a “falta de luz” e a homofonia de *night* “noite” e *knight* “cavaleiro”. O português e provavelmente outras línguas não apresentam os mesmos recursos: a homofonia *knight~night* e a polissemia de *dark*. As ambigüidades seriam outras, a homonímia e a polissemia seriam simplesmente diferentes com outros “pivôs” e outro “script”. Para Lew (1996, p. 132), a intraduzibilidade de certas piadas é justamente ocasionada pelos “hard-core linguistic components”, isto é, a ambigüidade sintática específica, as peculiaridades do léxico quanto à homonímia e polissemia em conjunto com o sistema fonológico de um determinado idioma. Ele conclui com estas palavras:

Differences in the translatability of various kinds of jokes seem to point to the conclusion that there is more uniformity across languages in the pragmatics than in the hard-core linguistics components.

Essa citação, retirada do artigo de Lew, corrobora a minha análise de piadas. As do meu primeiro tipo que dependem do contexto ou situação são as pragmáticas, plenamente traduzíveis para as diferentes línguas do mundo e as que envolvem os “nuts and bolts” de diferentes idiomas formam parte do meu segundo tipo que chegam a ser, em muitos casos, intraduzíveis. Cabe observar que a traduzibilidade ou intraduzibilidade depende muito do tipo de ambigüidade e também de uma consideração a respeito do que realmente significa o termo “ambigüidade”. Na piada que segue, a palavra *suit* em inglês é a fonte da ambigüidade, pois existem duas possíveis interpretações para o referido vocábulo: um “tailleur” ou um “processo”:

“Have you ever appeared as a witness in a suit before?” asked the judge.

*"Why of course!" replied the young girl.
 "Will you please tell the jury what suit it was?"
 "It was a pink suit", she replied quickly, "with red collar and
 cuffs, and buttons all the way down the front".*
 (Lew, 1997, p. 125)

Essa piada não é traduzível para o português devido à situação específica do inglês com dois sentidos atribuídos para o vocábulo *suit*. Mas existem casos de ambigüidade nas duas línguas. Vale a pena comparar a piada acima com outra (a seguir) que apresenta ambigüidade entre uma modalidade deôntica e epistêmica:

*Professor: "You can't sleep in my class."
 Student: "If you didn't talk so loud I could"*
 (Lew, 1997, p. 146)

A piada acima é traduzível para o português porque o verbo modal *poder* apresentar ambigüidade entre proibição e possibilidade como no caso do verbo *can*, "poder" em inglês.

A relação entre humor, ambigüidade e tradução é complexa. O assunto de fidelidade ou infidelidade é somente uma parte do problema.

Cumpra compreender, também, o papel que o humor pode ou não representar em diferentes sociedades e comunidades. Para Sherzer (1978, p. 344), a análise de humor é etnográfica. Nas suas palavras:

Another possible perspective on puns is the ethnographic, which leads to cross-cultural and cross-linguistic comparison. The ethnographic perspective points to differences in the linguistic structure of puns and related forms of speech play (for example, French and Spanish seem to allow much less phonetic and phonological manipulation in puns than does English), the use of puns in multilingual societies and situations, the role of puns in larger discourse patterns and structures (jokes, narratives, oratory, etc.), the topics for which puns are considered appropriate, and the attitude taken toward puns and related behavior.

Cumprer lembrar que na história da tradução nem todos os tradutores estiveram presos à ideologia da superioridade e da sacralidade do texto "original". O poeta inglês e autor de *The Canterbury Tales*, Geoffrey Chaucer (ca. 1340-1400) considerou a tradução como recriação e, segundo Deslisle e Woodsworth (1995, p. 67) "... *an overlap between translation, compilation, rewriting and original authorship*". De acordo com os referidos autores, Nicolas Perrot d'Ablancourt (1606-64) foi um entre vários tradutores que não reverenciou o texto "original" e que não considerou o autor do suposto original como uma figura "divina".

Na realidade, os tradutores não têm opção quanto ao original, pois ele é sempre traído, mesmo que os referidos tradutores acreditem que estão sendo fiéis. A única opção que o tradutor tem é ser crítico ou não à sua prática. Ser competente é questão de opção. Um tradutor está plenamente livre para traduzir um pedido comercial que solicita "duas dúzias de chaves de fenda" por "duas dúzias de saca-rolhas", mas o resultado desta opção pode causar a perda do vínculo empregatício do tradutor, ocasionando uma "visibilidade negativa", muito diferente do tipo de visibilidade positiva que Venuti (1995) almeja para o tradutor. Do mesmo modo, um tradutor dublador de filmes, ao traduzir o inglês "Give me a ring" em português como "Me dá um anel" quando o contexto do filme não se refere a anéis (de qualquer tipo), mas de uma solicitação por parte de um dos personagens a outro de um contato posterior por telefone, parece-me que o referido dublador preferiria o anonimato ou a invisibilidade para não ouvir a pergunta acusadora: *Quem dublou esse filme?*

Gostaria de apresentar duas piadas, uma em português e outra em inglês:

(a) português:

Pergunta: Qual é a diferença entre um elefante e um traveseiro?

Resposta: Um elefante é um paquíderme e um traveseiro é para (prá) quem dorme.

Talvez seja possível traduzir a piada acima do português para o espanhol devido à semelhança lingüística e também à disponibilidade de “scripts” razoavelmente próximos nas duas línguas. Não sei se o resultado causaria sequer um leve sorriso por parte de todos os falantes de fala espanhola (que apreciem este tipo de humor), mas pelo menos três falantes consultados apreciaram o trocadilho entre *derme* de “paquiderme” e *dorme* do verbo “dormir”.

Pregunta: ¿Cuál es la diferencia entre un elefante y una almohada?

Respuesta: Un elefante es un paquidermo y una almohada es para (pa') quien duerme.

Quanto mais distância lingüística entre as línguas, mais difícil produzir a “mesma” piada.

(b) inglês:

*What did the mayonnaise say to the refrigerator?
Close the door. I am dressing.*

Seria difícil elaborar a mesma piada em outro idioma, pois é específico ao inglês a homonímia entre *dressing* “molho ou tempero de salada” e *dressing* “vestindo”. O tradutor teria de procurar “outra” piada com grande probabilidade de homônimos diferentes com a mudança do script. É com a tradução deste tipo de piada que o tradutor fatalmente será “infiel”, mas esta infidelidade de nenhuma maneira deve ser interpretada como uma “desgraça”. (Rajagopalan, 1997)

Quando se trata de piadas consideradas pelo tradutor como racistas, sexistas ou de mau gosto, ele pode (alguns indivíduos diriam que ele “deve”) escolher outra piada que julgue apropriada para o contexto específico. É melhor o tradutor subverter o texto que comprometer os seus princípios.

Como disse no meu texto inicial: “O essencial não é a fidelidade ao texto original mas o comprometimento de (re)criar um efeito humorístico na língua de chegada”. (Schmitz, 1996, p. 88)

À guisa de conclusão, envio os meus agradecimentos ao Professor Brezolin pela leitura crítica do meu trabalho e também pelo artigo pertinente sobre o humor em sala de aula. O artigo do colega proporcionou-me uma outra oportunidade para reflexão sobre a tradução do humor e, especificamente, sobre a complexidade do discurso humorístico na linguagem humana. Espero que esta réplica contribua para outros debates entre nós e também entre outros pesquisadores interessados no assunto.

Referências bibliográficas

- ATTARDO, S.; RASKIN, V.; RUCH, W. (1993) Toward an empirical verification of the general theory of verbal behavior. *Humor* 6-2, p. 123-36.
- BREZOLIN, A. (1997) Humor: sim. É possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo. *Tradterm* 4.1, p. 15-30.
- DESLISLE, J.; WOODSWORTH, J. (orgs.) (1995) *Translation through History*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- GENTZLER, E. (1993) *Contemporary translation theories*. London, Routledge.
- GIL, C. M. C. (1995) Humor: alguns mecanismos lingüísticos. *ALFA* 39, p. 111-9.
- LAURIAN, A. (1992) Possible/impossible translation of jokes. *Humor* 5-1/2, p. 111-27.
- LENDVAI, E. (1996) Types of untranslatable jokes. In: KLAUDY, K.; LAMBERT, J.; SOHÁR, A. (orgs.) *Translation studies in hungary*. Budapest, Scholastica.
- LEW, R. (1996) Exploitation of linguistic ambiguity in Polish and English jokes. *Papers and studies in constrative linguistics* 31, p. 127-33.
- _____. (1997) Towards a taxonomy of linguistic jokes. *Studia Anglia Posnaniensa*, XXXI, p. 123-52.
- NEWFIELD, M.; LAFFORD, B. A. (1991) The origin of the specious: the creation and interpretation of puns. *Language and Style* 24, n. 1, p. 77-89.
- RAJAGOPALAN, K. (1997) A fatalidade da tradução. *Estudos acadêmicos Unibero* 5, ano III, São Paulo, p. 41-7.
- RASKIN, V. (1985) *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, D. Reibel.

- SCHMITZ, J. R. (1996) Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? *TradTerm* 3, p.87-97.
- SHERZER, J. (1978) Oh, that's a pun and I didn't mean it. *Semiotica* 22:3/4, p. 334-50.
- VENUTI, L. (1995) *The translator's invisibility: a history of translation*. London, Routledge.
- ZABALBEASCOA, P. (1996) Translating jokes for dubbed television situation comedies. *The translator* v. 2, n. 2, p. 257-325.